

O CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO DO CAFÉ: UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO¹

TIAGO ROBERTO SILVA SANTOS

Professor no Instituto Federal de Rondônia – IFRO

Mestrando e bolsista CAPES/PPGG/UNIR

tiago.santos@ifro.edu.br

RESUMO: Diante do avançado processo de globalização, o capital internacional age impondo suas normas e técnicas ao sistema produtivo e como consequência há a intensificação da divisão territorial do trabalho e das áreas especializadas na produção. Com este processo, formam-se no espaço circuitos produtivos, que envolvem a produção, circulação e consumo, demonstrando a fluidez do espaço. Um exemplo deste *círculo espacial de produção* é a cafeicultura, que tem o Brasil como principal produtor mundial, porém esta atividade está distribuída em seis estados principais: Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia e Paraná. No estado de Rondônia, Cacoal apresenta uma centralidade sobre os outros municípios produtores e com a atuação dos agentes do *círculo de cooperação*, está passando por um processo de modernização, que além de ampliar sua abrangência em escala nacional, também abre espaço para a chegada de empresas multinacionais do mercado de *commodities*, integrando-se aos agentes do *círculo espacial de produção* do café que atuam em Cacoal.

PALAVRAS-CHAVE: Circuito Espacial de Produção; Círculos de Cooperação; Cafeicultura;

RESUMEN: Dado el proceso de globalización avanzado, el capital internacional actúa imponiendo sus normas y técnicas al sistema productivo y resulta en la intensificación de la división territorial del trabajo y de las áreas especializadas en la producción. Con este proceso, se forman en el espacio los circuitos productivos, que abarcan la producción, la circulación y el consumo, comprobando que el espacio es fluido. Un ejemplo de este *círculo espacial de producción* es la cafeicultura, que tiene a Brasil como el principal productor del mundo, pero esta actividad se distribuye en seis grandes estados: Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia y Paraná. En el estado de Rondônia, el municipio de Cacoal tiene un papel central entre los otros municipios productores y, con la actuación de los agentes del *círculo de cooperación*, se encuentra en un proceso de modernización, que además de ampliar su cobertura a nivel nacional, también deja espacio para la llegada de compañías multinacionales en el mercado de *commodities*, integrándose a los agentes del *círculo espacial de producción* del café que actúan en Cacoal.

PALABRAS-CLAVE: Circuito Espacial de Producción; Círculos de Producción; Cafeicultura.

¹ Texto produzido a partir de resultados preliminares da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGG/UNIR.

Introdução

Diante de um avançado processo de globalização, o capital internacional age implantando sua normatização técnica ao sistema produtivo, promovendo áreas especializadas em determinadas atividades e acentuando a divisão territorial do trabalho. Assim, o espaço mundial se organiza através da densa circulação material e imaterial de produtos e informações através dos meios de transporte e telecomunicações, criando um *meio técnico-científico-informacional* (SANTOS, 1994; SANTOS, 2014b; SANTOS; SILVEIRA, 2008). Com esta articulação mundial, formam-se *circuitos espaciais de produção* (SANTOS 1994, 2014a; SANTOS; SILVEIRA, 2008; FREDERICO; CASTILLO, 2004 E CASTILLO; FREDERICO, 2010), que permitem identificar a organização espacial a partir de um produto, passando pela produção, circulação e consumo, permitindo também identificar a fluidez do produto.

Através da atividade cafeeira, o município de Cacoal, localizado em Rondônia, integra o *circuito espacial de produção*, atuando principalmente em uma escala nacional. Isso ocorre atualmente devido a ação dos agentes do *círculo de cooperação* que levam até os produtores do estado um conjunto de inovações técnicas que permitem maior produtividade e qualidade da produção estadual, ampliando o mercado interessado no produto rondoniense.

Neste contexto, este trabalho busca apresentar os conceitos de *circuito espacial de produção* e *círculos de cooperação* que se desenvolveram a partir da globalização. Além disso, procuramos compreender como o circuito produtivo do café se organiza, através da análise das estruturas do município de Cacoal/RO em sua participação no mercado nacional. O conjunto deste trabalho é resultado de um levantamento bibliográfico sobre este conceito de análise espacial, além de resultados preliminares de pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado.

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho está estruturado em três partes além desta introdução e da conclusão. Na primeira parte, examinamos o atual processo de globalização e como este contribui para o desenvolvimento técnico e para a intensificação da divisão territorial do trabalho e da formação de áreas produtivas especializadas. Este conjunto de reflexos da globalização leva à formação do conceito

de *circuito espacial de produção* e *círculos de cooperação* que também serão discutidos neste primeiro momento.

Na segunda parte do trabalho, propomos a discussão sobre o *circuito espacial de produção* do café no Brasil, recorrendo ao contexto histórico de introdução desta atividade para compreender sua estruturação e organização econômica e espacial no país. Entendemos nesta parte, que houve a partir de 1970 uma dispersão da atividade para as regiões Norte e Nordeste, porém a grande concentração ainda está na região Sudeste do país, que além de apresentar os maiores índices de produção, possuem também a instalação das principais indústrias torrefadoras nacionais e multinacionais, centralizando a compra da produção de outras regiões.

Por fim, na terceira parte apresentamos uma análise sobre o desenvolvimento da cafeicultura em Cacoal/RO, que desde o seu início apresenta uma centralidade em relação aos outros municípios produtores do estado. Sendo assim, a atuação de agentes do *circulo de cooperação* contribuem para o processo de modernização da atividade no estado, permitindo a atuação em escala nacional, além de permitir a instalação de empresas multinacionais do mercado de *commodities*, integrando os agentes do *circuito espacial de produção* do café que atuam em Cacoal.

A globalização e a divisão do trabalho na formação de circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação

Na busca pelo aperfeiçoamento do processo de acumulação, o sistema capitalista se desenvolve a partir da melhoria técnica, que acelera a produção, permitindo maior exploração dos recursos naturais e da mão de obra. Dessa forma, o espaço passa pela implantação de objetos técnicos *fixos* e *fluxos*²(SANTOS, 2014b) que o artificializam e promovem a articulação entre diversos pontos integrantes do sistema produtivo. Neste contexto, identificamos a globalização, considerado como “o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. [E] Para entendê-la, como de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política” (SANTOS, 2008, p. 23), em que o estado das técnicas permite compreender o sistema produtivo, a circulação e a criação de normas; já o estado da

² Os elementos *fixos* são os objetos fixados em algum lugar do espaço, permitindo ações que modificam estes lugares conforme os interesses daqueles que o instalaram. Os *fluxos* são resultados dessas ações, em que o uso do fixo permite maior fluidez do produto no espaço.

política é que permite as condições de apropriação do espaço pelos agentes do capital na extração da mais-valia.

Em seu livro “*A produção capitalista do espaço*”, Harvey (2006) aponta que a organização espacial e a expansão geográfica são fundamentais para a acumulação do capital, justamente por incluir mais áreas à lógica de mercado, além de aumentar as relações de comércio exterior, ou seja, expandir a área de acumulação de capital, que é resultado da implantação técnica que transforma o espaço e permite que a relação espaço/tempo não interfira em perdas para o capitalista. Para isso, a incorporação técnica não ocorre exclusivamente no sistema produtivo, mas também nos meios de transporte e comunicação, facilitando aos agentes hegemônicos o controle da produção e da circulação.

Diante desta expansão, a globalização alcança uma unicidade técnica, em que não importa a localização do espaço de produção para que a incorporação tecnológica seja adotada, permitindo a modernização. Porém, Santos (2008) alerta que, apesar do surgimento de novas técnicas, não há o desaparecimento das mais antigas, pois nem todos os atores espaciais conseguem adotar todas as novas técnicas, tornando-se assim em atores de menor importância no mercado globalizado. Um exemplo disso é a comparação da produção de café da região do cerrado de Minas Gerais com a de Cacoal em Rondônia. A primeira é tecnicada e modernizada, além de incluída ao mercado internacional com mais de 70% de sua produção sendo exportada (ORTEGA; JESUS, 2012). Já a segunda está iniciando um processo de modernização, ainda com produção de baixa qualidade e dificuldades de entrar no cenário nacional e mundial de café (ROSA NETO; COLLARES, 2006).

Com o controle do sistema técnico pelos países desenvolvidos, as empresas mundiais expandem sua produção para os mais variados pontos do espaço, promovendo assim maior divisão territorial do trabalho. Isso ocorre porque cada porção do território se reveste com características e condições específicas para atender os interesses dos agentes hegemônicos, ou seja, a produção ocorre em vários países e são controladas pelos países do centro (BENAYON, 2005).

A diferença econômica entre os países do centro e da periferia aumentam, pois os segundos estão sujeitos aos primeiros em relação ao controle das técnicas e da produção, além de acabar com as pequenas empresas locais. Assim, o rendimento

obtido nos países da periferia são direcionados para o centro, e, através das empresas transnacionais, os agentes hegemônicos conseguem explorar o potencial econômico dos países subdesenvolvidos, tornando-os cada vez mais dependentes do capital globalizado. (BENAYON, 2005)

Atualmente, com a internacionalização das técnicas, da produção e do produto, do capital e do trabalho, dos gostos e do consumo, a mundialização das relações sociais de todos os tipos (econômica, financeira, política...) é a garantia de universalidade que permite compreender cada fração do espaço mundial em função do espaço global. (SANTOS, 1994, p. 32)

Temos portanto, com o advento da globalização, o que Santos (1994; 2014b) e Santos e Silveira (2008) chamam de *Meio técnico-científico-informacional*, no qual “a ciência e a tecnologia junto com a informação estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato” (SANTOS, 2014b, p. 238), resultando na constituição do mundo como um espaço social, interligado por redes e dinamizado pelos interesses do capital na interação do local com o global.

É importante entender que este *meio técnico-científico-informacional* ocorre de forma desigual no espaço em quantidade e qualidade. Assim, quanto mais objetos no espaço, mais este se torna artificializado e é considerado moderno, permitindo maior fluxo tanto material como imaterial. Portanto, a relação de poder e dominação das dinâmicas territoriais na globalização passam a se dar a partir do poder de influência das grandes corporações na tomada de decisões sobre o uso do território nos países, ao que Becker (2009) chama de “nova geopolítica mundial”, em que a implantação de objetos técnicos e incorporação de áreas “isoladas” à produção voltada para o mercado ocorrerá conforme o interesse dos agentes hegemônicos, que se utiliza do Estado para conseguir fazer o uso deste território, como no caso da região amazônica, onde as ações políticas favoreceram a introdução desta área de predomínio natural ao meio técnico, e mais recentemente ao *meio técnico-científico-informacional* em algumas atividades, como a soja e a pecuária no estado de Rondônia. (SILVA, 2016).

O espaço se moderniza com a implantação de objetos tecnológicos controlados pela parte mais alta da hierarquia produtiva e capitalista, que de forma vertical, impõe, com o auxílio do Estado, as suas normas ao produtor, que está na parte mais baixa da

hierarquia, o que Santos (2014b) chama de “funcionamento vertical do espaço geográfico contemporâneo” (p. 334), e a partir desta modernização, Graziano da Silva (1981) alerta que a produção deixa de estar condicionada à natureza como a fertilidade do solo, a água da chuva e etc., mas o comando passa a ser do capital através do uso de seus meios de produção, como as máquinas, fertilizantes e etc., o que Santos e Silveira (2008) apontam como solidariedade organizacional, ou seja, adaptar-se ao *meio técnico-científico-informacional*, globalizado, capitalizado e artificializado, ficando automaticamente sujeito às normas e interesses dos agentes hegemônicos controladores do capital. Essa adaptação às normas e reprodução dela de forma local é chamada de “horizontalidade” (SANTOS, 2014b),

Neste contexto, temos com a globalização uma dinâmica técnica da produção e circulação do capital em âmbito global que interfere na organização espacial local, e que por sua vez, através de suas particularidades, se diferencia dos outros lugares no processo produtivo, em que a ligação entre estes espaços se dá a partir das redes compostas por nós, que são os pontos globalizados; já as linhas, são os fluxos entre estes pontos, permitindo a circulação da produção e das normas.

Diante deste momento de mundialização do sistema produtivo, Santos (1994) alerta para a importância da geografia em renovar os conceitos desta ciência e não se prender às heranças de estudos passados na análise do espaço geográfico, pois este passa por mudanças devido à incorporação técnica. A partir desta ideia de mundo globalizado o autor afirma que “o mundo encontra-se em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Não podemos mais falar em circuitos regionais de produção (...) temos que falar em circuitos espaciais de produção.” (SANTOS, 1994, p. 49). É importante não se limitar às condições locais e/ou regionais ao observar determinada situação geográfica, mas sim compreender esta condição como um efeito global, possível graças à intervenção tecnológica nos meios de transporte e informação.

As relações globais interferem na organização local, promovendo a formação de espaços diferenciados conforme sua densidade técnico-científica e informacional e assim “o período da globalização é responsável pelo aumento da especialização” (SILVEIRA, 2011, p. 5) que é fruto do aumento da divisão territorial do trabalho, em que os lugares produzem conforme o interesse do capital.

Com a difusão dos transportes e das comunicações cria-se a possibilidade da especialização produtiva. Regiões se especializam, não mais precisando produzir tudo para sua subsistência, pois, com os meios rápidos e eficientes de transporte, podem buscar em qualquer outro ponto do país e mesmo do Planeta, aquilo de que necessitam. (SANTOS, 1994, p. 50)

Dessa forma, o capital se expande no espaço, incorporando novas áreas à lógica do mercado capitalista globalizado, pois “a tendência histórica é destruir e absorver modos não-capitalistas de produção, ao mesmo tempo em que os utiliza para criar espaço novo para a acumulação de capital” (HARVEY, 2006, p. 58), identificado na região amazônica com a transição das práticas extrativistas de subsistência, para práticas agropecuárias ligadas ao mercado.

Portanto, esta nova condição globalizada do setor produtivo, que não se concentra mais em um ou outro ponto do espaço, mas se espalha, conforme o potencial dos lugares de produzir e a constante circulação material e imaterial exigem, que a análise leve em conta esta dinâmica, e assim, Santos (1994, 2014a); Santos e Silveira (2008), Frederico e Castillo (2004) e Castillo e Frederico (2010), abordam o conceito de *circuito espacial de produção* e dos *círculos de cooperação*, pois, estes permitem identificar a organização do espaço acompanhando a circulação da produção.

Como os circuitos produtivos se dão, no espaço, de forma desagregada, embora não desarticulada, a importância que cada um daqueles processos tem, a cada momento histórico e para cada caso particular, ajuda a compreender a organização do espaço. (SANTOS, 2014a, p. 14)

Neste contexto, o *circuito espacial de produção* é definido pelas várias etapas de um produto, desde a sua produção até chegar ao consumo final (SANTOS, 1994; SILVEIRA, 2011). Não se trata de acompanhar simplesmente o percurso de um determinado produto, isso é papel da engenharia da produção e/ou logística, mas trata-se de compreender a organização espacial através do movimento da produção, pois esta visão permite identificar a dinamicidade da circulação de bens e produtos e dos objetos técnicos necessários para tal condição (SANTOS; SILVEIRA, 2008). Castillo e Frederico (2010) dão destaque para a importância de identificar a fluidez no território, assim como a organização espacial a partir de tal processo.

Através deste conceito de *circuito espacial de produção* e do *círculo de cooperação* é possível ampliar a escala de análise (BOMTEMPO; SPOSITO, 2012),

deixando de lado as especificidades regionais, para obter uma compreensão maior do ajuste espacial voltado para determinadas atividades, pois o fluxo da produção não ocorre em territórios contíguos, mas através de múltiplas redes que se organizam no território. Portanto, há em um *circuito de produção* a participação de inúmeros agentes atuando em diversas escalas geográficas a partir de um produto primário até chegar no consumidor final (BARRIOS, 1976 apud, CASTILLO; FREDERICO, 2010; FREDERICO, 2014).

Dessa forma, a produção globalizada e fragmentada através da divisão territorial do trabalho acaba por promover especializações produtivas em diversos territórios, que se adaptam às normas técnicas impostas pelos agentes hegemônicos controladores da produção, formando redes de transporte e comunicação, que interligam estes territórios dispersos, permitindo que o produto não se restrinja ao mercado local e regional, mas também nacional e/ou global, através da atuação em várias escalas dos integrantes do *circuito espacial de produção*. Entendemos, portanto, que mesmo em um circuito de abrangência global, como o caso da cafeicultura, nem todos os integrantes irão conseguir ter atuação nesta escala, mas podem ter importância na escala nacional deste mesmo circuito, como o caso de Cacoal/RO.

Enquanto as etapas do *circuito espacial de produção* envolvem os fluxos materiais de um produto, os *círculos de cooperação* são responsáveis pelo fluxo imaterial, articulando as etapas da produção através das normas, informações, mensagens, capital e etc. (FREDERICO; CASTILLO, 2004; CASTILLO; FREDERICO, 2010; SILVEIRA, 2011). Assim, esses círculos se utilizam da evolução técnico-científica no processo produtivo para difundir as verticalidades, passando assim, aos agentes dos vários níveis escalares de atuação no *circuito espacial de produção*, as orientações para que o produto alcance os padrões exigidos pelo mercado consumidor.

A organização de uma produção globalizada, possibilitada pela evolução técnico-científico-informacional resulta em um sistema produtivo dinâmico, que necessita circular no espaço, passando por diversas etapas até chegar ao consumir final, formando *circuitos espaciais de produção* e *círculos de cooperação*, que acompanhando o apontamento de Castillo e Frederico (2010) podemos resumir da seguinte forma:

O circuito espacial de produção do café: uma análise no município de Cacoal/RO

Podemos dizer que os *circuitos espaciais de produção* pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto, num movimento permanente; os *círculos de cooperação no espaço*, por sua vez, tratam da comunicação, consubstanciada na transferência de capitais, ordens, informação (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, espacialmente segmentadas, da produção. (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 464 e 465, *grifo do autor*).

Um aspecto importante destacado por Castillo e Frederico (2010) é a importância da diferenciação do conceito de *circuito espacial de produção* do conceito utilizado de *cadeia produtiva*, em que os autores afirmam que a principal diferença se dá no objetivo do uso do conceito, já que os dois analisam o percurso de um produto desde o seu início até o seu consumo final. Porém, enquanto a *cadeia produtiva* está voltada para os agentes envolvidos em cada etapa do processo de produção, circulação e consumo de forma sistêmica, na busca de encontrar os gargalos do processo que impedem a obtenção de maior lucro da produção; o *circuito espacial de produção* fará uma análise do uso do território e da transformação espacial, ocorrida com a implantação de objetos que permitam a produção e a circulação do produto, entendendo assim as relações sociais, econômicas e políticas que envolvem todo o circuito da produção, ou seja, seu foco não é produtivista, mas sim espacial.

O circuito espacial de produção e círculos de cooperação do café no Brasil

Diante da importância da cafeicultura brasileira no cenário mundial, para compreender a organização do *circuito espacial de produção* e os *círculos de cooperação* desta atividade no Brasil, recorreremos ao recurso histórico, buscando assim, entender como se estruturou o espaço cafeeiro brasileiro.

Apesar de o café ser uma cultura tropical e hoje o Brasil ser o principal produtor e exportador no mundo, esta planta não é originária daqui. Não há na verdade, uma certeza sobre o início da utilização do fruto do café para consumo, porém segundo Ortega e Jesus (2012) há uma repetição entre os historiadores de que um pastor etíope ao observar que sua criação ficava mais estimulada e esperta ao comer as folhas e frutos de um arbusto, resolveu provar, isso em torno de 575 d.C., sendo então consumido

somente a polpa de seu fruto e não por infusão como é utilizado nos dias de hoje. Assim descobriu-se o café, que foi denominado pela sua região *Coffea arábica L.*, o principal tipo de café produzido e consumido no mundo.

A produção na América do Sul foi introduzida pelos holandeses e franceses no Suriname e na Guiana Francesa, respectivamente, no século XVIII (MARTINS, 2008 apud ORTEGA; JESUS, 2012). No Brasil, as primeiras mudas conseguidas foram através do sargento-mor Francisco de Melo Palheta, que, estando em Caiena, na Guiana Francesa, recebeu de presente, de forma clandestina, da esposa do governador. Introduzindo a produção inicialmente no Pará, e posteriormente avançando para o Maranhão, depois aos poucos pelo Nordeste, até que em meados da década de 1770 chegou ao Rio de Janeiro, inicialmente plantado em quintais e/ou pequenas lavouras. O café só ganhou importância produtiva e em grande quantidade no final do século XVIII e início do século XIX, quando, devido à disputa por independência, o Haiti, principal produtor de café acaba tendo queda em sua produção, abrindo uma lacuna no fornecimento do produto para os consumidores mundiais. O Brasil, que precisava de um novo produto para exportação, pois o comércio de açúcar estava em queda devido a concorrência com as Antilhas, iniciou a produção em massa (MORAES; FRANCO, 2005; ORTEGA; JESUS, 2012).

Tabela 1 - Participação e posição do café na exportação brasileira por décadas entre 1821 a 2007.

Décadas	Participação na exportação	Posição entre os produtos exportados
1821/30	18,6%	3º
1831/40	43,8%	1º
1841/50	41,3%	1º
1851/60	48,8%	1º
1861/70	45,3%	1º
1871/80	56,4%	1º
1881/90	61,7%	1º
1891/1900	63,8%	1º
1901/10	51,5%	1º
1911/20	52,4%	1º
1921/30	69,6%	1º
1931/40	50%	1º
1941/50	46,1%	1º
1951/60	59,9%	1º
1961/70	45,6%	1º
1971/80	17,8%	1º
1981/90	7,9%	4º
1991/2000	4,2%	9º
2001/07	2,2%	12º

O circuito espacial de produção do café: uma análise no município de Cacoal/RO

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), 2016. Dados: IBGE – Anuário Estatístico do Brasil (1952; 1966; 1978); Comércio Exterior do Brasil (1954/63); Intercâmbio Comercial (1953/76); Banco do Brasil S/A CACEX (1978/88); AliceWeb (1989/2007). Org.: SANTOS, T. R. S.

Com a adoção da cultura do café em suas propriedades, os antigos senhores do engenho passaram a obter importante rendimento com a nova produção. “Ainda no século XIX, cafeicultura despontou entre as monoculturas exportadoras, desbancando a cana-de-açúcar e iniciando um período econômico que intensificou a urbanização e industrialização do país” (FREDERICO; CASTILLO, 2004, p. 237). Em 1830, o café já aparecia como primeiro produto na exportação brasileira, cenário que se manteve até a década de 1980 (Tabela 1), tendo mais de 40% de participação nas exportações do país durante aproximadamente 140 anos.

Com esta importância econômica, a organização espacial agrícola do Brasil baseou-se no desenvolvimento desta cultura, promovendo a transição do período da cana-de-açúcar para a cafeicultura, como ocorreu no Vale do Paraíba no Rio de Janeiro, que inicialmente figurava como a principal área produtora do país, logo ampliando em direção ao sul de Minas gerais e parte do Espírito Santo, quando também ganhou força em direção a São Paulo a partir da segunda metade do século XIX. (ORTEGA; JESUS, 2012)

Diante da proibição da escravidão no final do século XIX, a relação de trabalho nas fazendas de São Paulo modificou-se, passando de mão de obra escrava para o sistema de colonato, utilizando, principalmente, o trabalho dos imigrantes europeus (FURTADO, 2005; MORAES; FRANCO, 2005; ORTEGA; JESUS, 2012). Além da alteração no modo de trabalho das fazendas, houve também mudanças estruturais com a implantação de objetos técnicos ao espaço que contribuíssem para o fluxo da produção, neste caso, as estradas de ferro, que ligavam o oeste paulista e norte do Paraná ao porto de Santos, para exportação do produto. Através da infraestrutura criada pela atividade cafeeira, cidades se desenvolveram no trajeto aberto pelas ferrovias.

Como se vê, a economia cafeeira do oeste de São Paulo gerou um mercado consumidor interno, cada vez mais amplo. Nas cidades, surgia uma classe média próspera, enriquecida com as atividades comerciais ligadas ao mundo do café. (MORAES; FRANCO, 2005, p. 60)

Dessa forma, a cafeicultura promovia uma dependência das cidades em relação ao campo, pois as relações de trabalho estavam voltadas para esta atividade, sendo que justamente a partir deste produto é que se desenvolveu a forte indústria paulista.

Com a crise de 1929, ocasionada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque e a superprodução de café no país (Tabela 1), houve substancial queda no valor de comércio do produto, o que levou muitos produtores a abandonar o ramo. Por outro lado, para tentar controlar a crise, o governo destruiu estoques do produto, mantendo os preços mais elevados. A partir da grande crise, a atividade cafeeira no Brasil encontrou grande desestímulo, recuperando-se somente no período do pós-segunda guerra (FREDERICO; CASTILLO, 2004; MORAES; FRANCO, 2005; ORTEGA; JESUS, 2012).

Na segunda metade do século XX, a ampliação do mercado fez com que a cafeicultura se recuperasse, e no Brasil, em 1952, houvesse a criação do Instituto Brasileiro de Café – IBC, responsável por “definir as políticas agrícolas para o café, coordenar e controlar estratégias competitivas para a cafeicultura nacional desde a produção até a comercialização interna e externa, oferecer assistência técnica e promover estudos e pesquisas” (ORTEGA; JESUS, 2012, p. 40). Havia, portanto, uma preocupação do governo no desenvolvimento da atividade através das políticas de fortalecimento da cultura cafeeira, além de auxílios em momentos de crises, neste sentido o poder público era o regulamentador do circuito produtivo do café no país e também o responsável pela articulação entre as diversas etapas da produção.

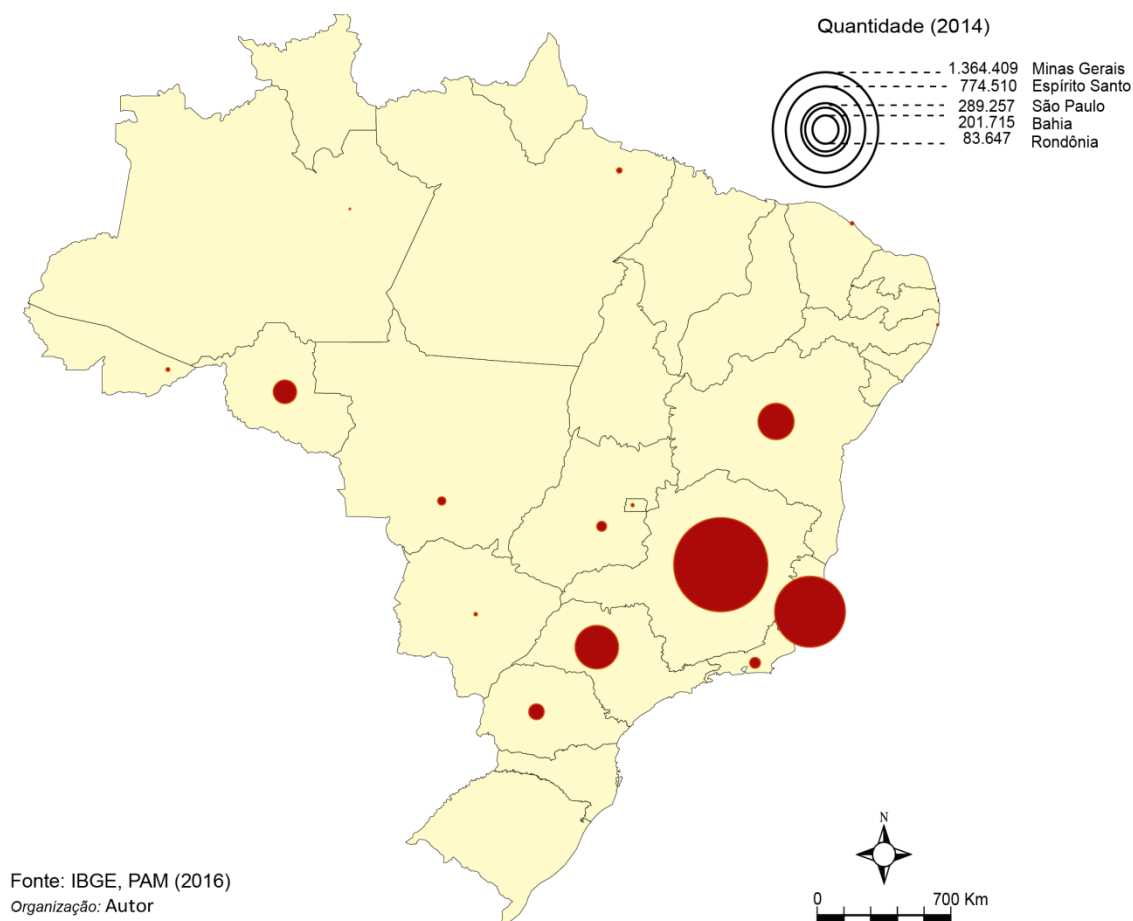
A partir da década de 1960, o IBC implantou o Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (GERCA), responsável por promover a troca de cafeeiros que não apresentassem boa produtividade, resultando na modernização da atividade (ORTEGA; JESUS, 2012). Identifica-se neste momento a interferência do poder público na organização espacial agrícola do país, incentivando os produtores a adotarem as técnicas desenvolvidas para melhor rendimento da produção, mas, diferente do que se propunha, regiões tradicionais de café, como São Paulo e Paraná, substituíram suas áreas pela produção de grãos, devido às condições climáticas que causavam muitas perdas em anos de frio intenso. Com isso, o Paraná, que era responsável pela maior produção do país, chegando em até 40% do total, perdeu a liderança na produção para Minas Gerais (ORTEGA; JESUS, 2012), que com melhores condições climáticas para a

O circuito espacial de produção do café: uma análise no município de Cacoal/ RO

planta e obedecendo as recomendações da GERCA, triplicou a área colhida entre 1970 e 1990 (FREDERICO; CASTILLO, 2004).

Em um contexto de grande diversidade de fatores como: a modernização da cafeicultura; o crescimento da produção de grãos no Paraná e São Paulo; o aumento do fluxo familiar campo-cidade; e os projetos de colonização da Amazônia promovidos pelo governo federal, o resultado foi a ampliação da espacialidade da cafeicultura no país, incluindo Rondônia e Bahia ao cenário nacional do café (FREDERICO; CASTILLO, 2004).

Figura 1- Produção de café no Brasil por UF (2014)



Fonte: IBGE, PAM (2016)
Organização: Autor
Elaborado com Philcarto <http://philcarto.free.fr>

Fonte: IBGE, 2016 (PAM).
Org: autor. Elaborado com Philcarto

Através das informações disponíveis na Figura 1, é possível identificar a especialização produtiva de café no Brasil, concentrando em apenas cinco unidades federativas 96% do total produzido. Assim, mesmo que em momentos e intensidades

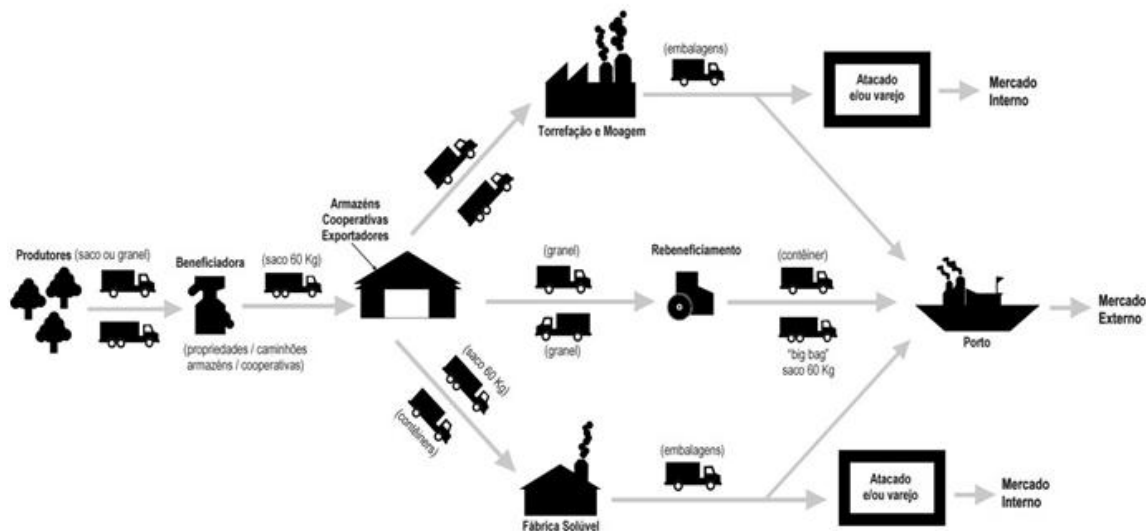
diferentes, estes espaços são inseridos na lógica da modernização agrícola capitalista para a produção de café, sendo que, “nas áreas onde uma cafeicultura moderna e globalizada se instala, verifica-se uma demanda de bens científicos e técnicos que vão dar uma nova vida à região” (FREDERICO; CASTILLO, 2004, p. 236). É necessário, porém, a articulação entre instituições públicas e privadas para que estes bens técnico-científicos cheguem aos produtores.

É importante destacar que a cafeicultura no Brasil apresenta duas espécies, o *Coffea arábica L.* e o *Coffea canephora*, sendo o primeiro com maior produção e distribuído principalmente entre os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná e Bahia. Já a segunda espécie, está distribuída principalmente entre os estados de Espírito Santo, Rondônia e Bahia. Esta distribuição tem muito a ver com as características do relevo e clima locais, enquanto o chamado café arábica apresenta melhor desempenho em áreas de maior altitude e menores temperaturas, o café robusta, da espécie *Coffea canephora*, tem resultados melhores em relevos mais baixos, maiores temperaturas e pluviosidade. Apesar das diferenças de espécies e das características de bebida proporcionada pelos seus respectivos frutos, toda a produção faz parte de um mesmo circuito produtivo, pois as indústrias torrefadoras fazem *blends* (mistura entre as duas espécies), para obter maior rendimento e lucro.

Apesar da cafeicultura apresentar maior distribuição da área produtiva, as principais indústrias de beneficiamento e torrefação do país e as infraestruturas criadas para o café, que já estavam instaladas nas tradicionais áreas de produção não se distribuíram da mesma forma, concentrando-se na região Sudeste do país e no Paraná. Dessa forma, as regiões produtivas mais distantes deste centro agroindustrial do café, viram-se na necessidade de implantar ao espaço, objetos que contribuíssem para que o fluxo de produção chegasse até as indústrias, havendo assim, uma melhora nos meios de transporte e de comunicação entre os centros produtores de café e os centros de industrialização e exportação do produto brasileiro, ou seja, a distância física entre os locais que participam do circuito espacial de produção aumenta, porém a distância organizacional diminui. (FREDERICO; CASTILLO, 2004).

Figura 2 Esquema demonstrando o Circuito Espacial de Produção do café

Circuito Espacial Produtivo do Café - Distribuição



Fonte: FREDERICO; CASTILLO (2004)

A partir do esquema apresentado, mesmo com a variedade de etapas pelas quais o café passa, todas estão interligadas pela ação dos diversos agentes integrantes do *circuito espacial de produção*, permitindo que os fluxos materiais e imateriais necessários para organizar o processo alcancem todas as etapas, demonstrando a divisão territorial do trabalho e permitindo maior poder de concorrência do produto brasileiro no mercado mundial. De forma resumida, a organização das etapas do circuito produtivo de café no mundo é a seguinte:

Nos países produtores encontram-se as etapas do circuito e agentes relacionados: ao fornecimento de insumos de produção, crédito agrícola e assistência técnica; os próprios cafeicultores; e os intermediários responsáveis pelo rebeneficiamento e comercialização do café (cooperativas, corretores e tradings). Todos os países produtores também são consumidores de café, possuindo suas próprias indústrias de torrefação e moagem e canais de distribuição (atacado e varejo). Nos países importadores, localizam-se basicamente as empresas importadoras, as empresas torrefadoras (grandes ou pequenos torrefadores de cafés especiais), os distribuidores, os varejistas e a maior parte do mercado consumidor. (FREDERICO, 2014, p. 42 e 43)

Portanto, o *circuito espacial de produção* e o *círculo de cooperação* do café não agem somente em escala nacional, pelo contrário, justamente pelo Brasil ser o principal

produtor de café no mundo, este tem grande influência em escala global, estruturando-se a partir da lógica do capital globalizado, através das indústrias multinacionais, que orientam, junto com o poder público, as melhorias técnicas a serem introduzidas na produção, beneficiamento, logística e industrialização. Desta forma, a partir da infraestrutura e auxílio do Estado na modernização do parque cafeeiro, a lógica globalizada do mercado controla a atividade e os preços a serem pagos ao produtor, mesmo naquelas regiões onde o sua escala de atuação principal é a esfera nacional, como no caso da participação de Cacoal/RO neste circuito.

Participação de Cacoal/RO no circuito espacial de produção do café

Localizado na porção centro-leste de Rondônia, Cacoal, assim como a maioria dos outros municípios do interior do estado, é fruto do projeto de colonização da Amazônia, que teve início no governo militar na década de 1970, segundo Silva (2012), este município faz parte das “Cidades Pioneiras da Colonização”, sendo uma das primeiras formadas às margens da BR-364 e com características “*proto-urbanas*”, apenas com função de oferecer trabalho temporário e gerir o fluxo migratório das famílias que buscavam acesso às terras distribuídas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A partir desta função receptiva, as cidades pioneiras passaram a desenvolver uma economia urbana embrionária, dando início à urbanização do interior de Rondônia. (SILVA, 2012).

Antes da formação de Cacoal, a região possuía apenas alguns seringais e cacauais, de ordem extrativista, com destaque para a fazenda Castanhal, que apesar de ainda manter a extração entre suas atividades, no final da década de 1960, já havia introduzido a produção de café através de seu proprietário, Sr. Clodoaldo Nunes de Almeida, inclusive recebendo certificação do Instituto Brasileiro do Café (IBC) para comercialização de seu produto (KEMPER, 2002).

Ao chegar em Rondônia, os primeiros migrantes camponeses também passaram a implantar a cafeicultura em seus lotes recebidos pelo INCRA, e isso se deu por três motivos principais: 1) Já havia a produção do Sr. Clodoaldo Nunes de Almeida no meio da floresta amazônica, portanto era possível introduzir esta atividade em suas propriedades; 2) Os migrantes eram provenientes de estados tradicionais na cafeicultura, como Espírito Santo, São Paulo e Paraná e, portanto, tinham o costume no trato desta

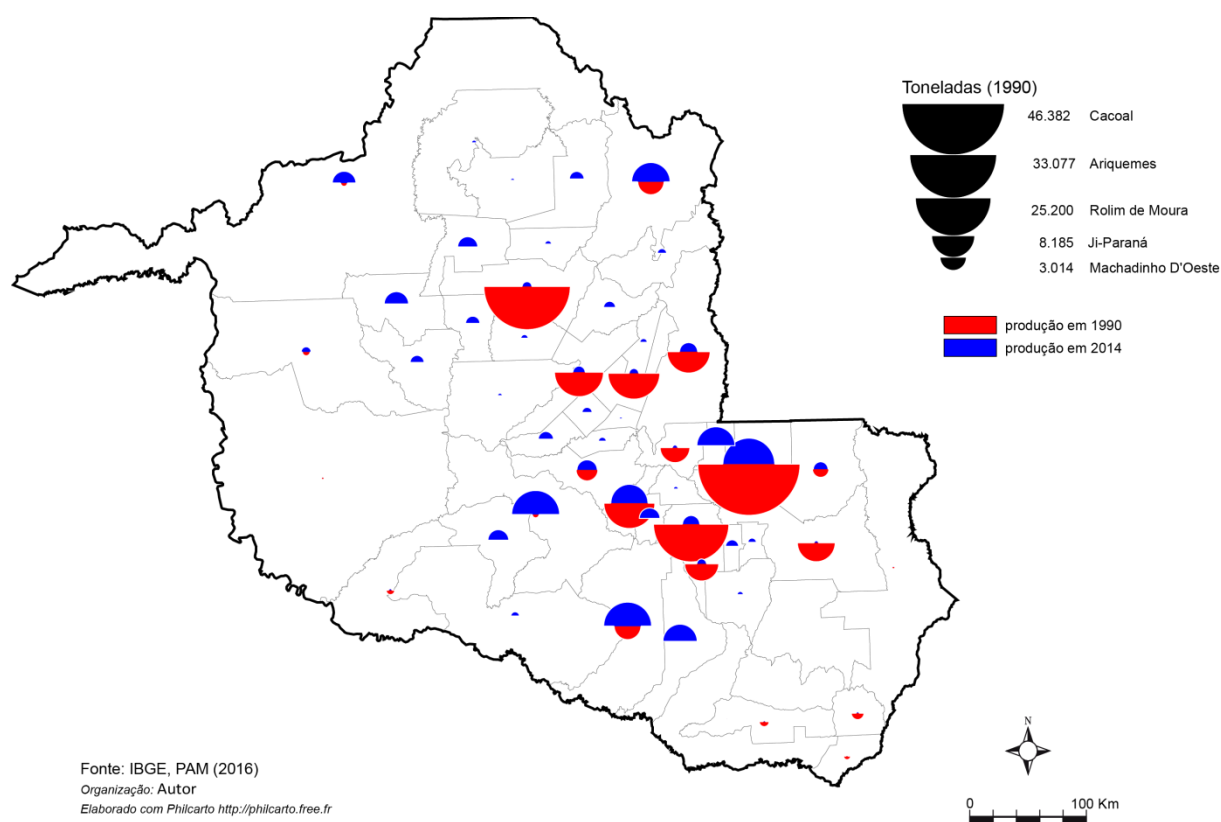
O circuito espacial de produção do café: uma análise no município de Cacoal/RO

cultura agrícola (BINSZTOK, 2006); e 3) Por ser uma produção permanente e que exige grande quantidade de mão de obra, a produção de café demonstrava ao INCRA o interesse de manutenção da família trabalhando na propriedade, o que favorecia o recebimento do título definitivo da terra (MARCOLLAN et. al., 2009).

Este conjunto de fatores permitiu que o espaço natural da área onde se encontra Cacoal hoje, fosse transformado em um meio técnico, com a transição da atividade extrativista de subsistência para atividade agropecuária, sendo o café um dos grandes impulsionadores desta transição neste município.

A relevância desta atividade para o camponês que se territorializou em Cacoal foi tão grande, que no início da década de 1990, quando o fluxo migratório para Rondônia diminuiu e a organização espacial do estado se consolidou como uma área povoada e de produção agropecuária voltada para o mercado, este município aparecia como principal produtor de café do estado, permanecendo até os dias atuais nesta condição (Figura 3).

Figura 3 - Produção de café por município de Rondônia (1990 e 1994)



Fonte: IBGE, 2016 (PAM).
Org.: autor Elaborado com Philcarto

Através das informações dispostas na Figura 3, é possível verificar que na comparação entre a produção de café no ano de 1990 e o ano de 2014, Cacoal apresenta considerável redução em sua produção, porém, ainda permanece como o principal município na cafeicultura rondoniense. Além disso, percebe-se que no ano de 1990 os municípios com maior produção estavam no eixo da BR-364, como Cacoal, Ariquemes, Jaru, Ouro Preto D'Oeste e Ji-Paraná, as exceções eram os municípios de Rolim de Moura, que era o terceiro maior produtor do estado neste ano, e Nova Brasilândia D'Oeste. No entanto, há uma mudança na espacialidade desta atividade, com ampliação da produção para alguns municípios da Zona da Mata e do Vale do Guaporé, como Alta Floresta D'Oeste e São Miguel do Guaporé, respectivamente, além de visível redução nos municípios pioneiros desta atividade.

Figura 4 - Psicosfera do café em Cacoal



Legenda: 1) Lanchonete localizada na rodoviária da cidade; 2) Portal na entrada da cidade; 3) Aeroporto possui o nome de “Capital do café”.

Foto: Autor.

Diante da importância da cafeicultura para a economia de Cacoal, mesmo com a redução de sua produção, o município passou a ser conhecido como “Capital do Café” em Rondônia, criando uma *psicosfera* (SANTOS, 2014b). Assim, o título passou a ser utilizado em diversas ocasiões, como: hino da cidade, em comércios locais, em um portal na entrada da cidade e nome do aeroporto (Figura 4), criando a ideia de que há neste local a necessidade de se desenvolver esta atividade, funcionando como um estímulo ao produtor, além de servir como uma orientação ao desenvolvimento de políticas públicas na área agrícola do município.

A diminuição da produção de café em Cacoal iniciou ainda durante a década de 1990, porém, a partir de 2001 não só este município, mas todo o estado passou por um desestímulo a esta atividade em decorrência de vários aspectos, com a grande queda no preço pago pela saca ao produtor, características climáticas desfavoráveis, pragas e o baixo incremento técnico na produção. Neste contexto desestimulante ao agricultor, muitos substituíram a área destinada ao café pela pecuária de leite e corte, resultando na diminuição da participação do produto rondoniense no cenário nacional. De acordo com Veneziano (1996) a distância de Rondônia dos principais centros consumidores, industriais e exportadores de café, além da falta de apoio político e de conhecimento de mercado atrapalhou o desenvolvimento da atividade no estado. Já Rosa Neto e Collares (2006) apontam que a falta de infraestrutura tecnológica nas diversas etapas de produção, além do baixo conhecimento dos produtores e o uso de técnicas erradas principalmente na secagem e beneficiamento do produto contribuíram para uma má imagem do café rondoniense. Portanto, mesmo figurando entre os cinco maiores produtores do país, a área de atuação do produto de Rondônia era de escala regional, por não apresentar as características exigidas pelo mercado nacional e/ou internacional.

Percebe-se, portanto, que rapidamente a cafeicultura ganhou grande importância econômica em Rondônia, principalmente no município de Cacoal, no entanto, a modernização da atividade, através do incremento tecnológico e de políticas públicas não se desenvolveram na mesma velocidade da exigência do mercado, e desta forma, com produtos que não atendiam às expectativas dos compradores, a escala de abrangência do produto estadual reduziu, resultando na conseqüente diminuição do interesse por parte do agricultor familiar.

Sabemos que o desenvolvimento tecnológico não ocorre na mesma intensidade em todos os lugares. Sendo assim, criam-se centralidades dos locais que se modernizaram primeiro sobre aqueles que ainda encontram-se atrasados no incremento técnico. No contexto da cafeicultura no Brasil, os estados da região Sudeste, principalmente, passaram por um processo de modernização antecipada, e, conseqüentemente, exercem uma centralidade no *círculo espacial de produção* do café, em relação à outras áreas produtivas, como Cacoal.

Para alcançar maior participação no circuito produtivo em abrangência nacional e possivelmente internacional, a cafeicultura em Cacoal e em todos os outros principais produtores de Rondônia tem passado por um processo de modernização, resultado da articulação de agentes públicos e privados, integrantes do *círculo de cooperação* da produção de café e responsáveis por levar as orientações e normas do mercado até os produtores, incentivando a adoção técnico-científica e melhoramento do trato da planta para alcançar maior produtividade e qualidade.

Integram este *círculo de cooperação* da produção de café em Rondônia: a EMBRAPA, no desenvolvimento de pesquisas que visem produtos de maior produtividade e melhor qualidade; a EMATER, responsável pela assistência técnica ao produtor, promovendo atividades extensionistas que estimulam a adoção tecnológica na produção e no auxílio para aquisição de financiamentos; a Câmara Setorial do Café, responsável pelas articulações políticas de desenvolvimento da cafeicultura no estado; o SEBRAE, que desenvolve em Cacoal um projeto de capacitação do produtor na produção e comercialização do seu produto, obtendo maior lucro; Agências financiadoras, como o Banco do Brasil e Banco da Amazônia, que dispõe de linhas de crédito específicas para a agricultura familiar; as empresas de insumos agrícolas do café, que patrocinam eventos de estímulo à modernização, como atividades extensionistas e exposições agropecuárias; além dos governos estadual e municipal que criam políticas públicas de estímulo a esta atividade, como a Lei 3.516 de 17 de março de 2015, que define o dia 10 de abril como o dia de início da colheita do café no estado, estimulando os produtores a aguardar a maturação correta do fruto; ou então na distribuição de calcário ao produtores de café.

Este conjunto de instituições público-privadas, orientadas pelas exigências do mercado, levam aos produtores as novas técnicas existentes na cafeicultura, além de

O circuito espacial de produção do café: uma análise no município de Cacoal/RO

orientação e capacitação para melhores resultados na produção. Dessa maneira, estimulam os agricultores a serem agentes no *circuito espacial de produção* do café, dando maior visibilidade ao produto de Cacoal no cenário nacional através da quantidade produzida e da qualidade.

Neste contexto, a participação de Cacoal no circuito produtivo de café ocorre na base do processo, através da produção agrícola, pautada na modernização e no cumprimento das exigências do mercado. Os agricultores também são responsáveis pelo beneficiamento da produção, que normalmente ocorre nas associações, distribuídas pelas linhas rurais do município, e somente depois este produto é vendido.

O outro agente integrante do *circuito espacial de produção* do café, presente em Cacoal, é o capital comercial, conhecido como atravessador, cerealista ou maquinário; este faz a ligação entre o local e o nacional, comprando o produto do agricultor e revendendo para as torrefadoras industriais. Segundo o Sr. Ezequias Bráz, presidente da Câmara Setorial do Café em Rondônia e proprietário de um armazém de compra e venda de café em Cacoal, do total produzido no município, somente 2% permanecem para ser torrado e comercializado no estado, o restante é todo vendido para o restante do país, principalmente para Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Paraná.

Apesar da principal participação de Cacoal ser em escala nacional, o município também apresenta índices de exportação, atingindo entre janeiro e dezembro de 2015 o valor de U\$ FOB 1.565.687,00 (MDIC, 2016), correspondendo em 82% do total exportado deste produto por Rondônia, tendo como principais destinos a União Europeia e a Associação Latino Americana de Integração (ALADI). Ainda segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2016), a empresa responsável pelo total da exportação do café no município é a EISA – Empresa Interagrícola S/A, integrante do grupo ECOM, multinacional suíça e com filial em Cacoal desde 1990, quando o município já despontava na atividade estadual. Segundo o Sr. Paulo Sergio Pereira, gerente da filial, a atuação de sua empresa é de compra de café em âmbito estadual, concentrando principalmente na região da Zona da Mata, nos municípios de Alta Floresta D'Oeste e Nova Brasilândia D'Oeste.

Além da EISA – Interagrícola, Cacoal também está recebendo outra filial de empresa multinacional na exportação de *commodities*, a francesa Louis Dreyfus, que também atua na compra da produção de café de todo o estado. Dessa forma, por existir a

psicosfera de “Capital do Café” e apresentar certa infraestrutura que dê suporte à produção, como: a implantação de máquinas de beneficiamento; a presença do capital comercial local (conhecido por atravessadores ou cerealistas); logística para o transporte da produção às principais torrefadoras nacionais; estruturação das estradas de acesso às linhas rurais; e a presença de agências financiadoras da produção como Banco do Brasil e Banco da Amazônia, o município possui uma centralidade em relação ao restante do estado na participação do *circuito espacial de produção* em escala nacional, o que resulta na atração do capital globalizado através das empresas multinacionais.

Diante deste cenário, identificamos que há em Cacoal uma organização espacial voltada para a modernização da atividade cafeeira, intensificando a artificialização do meio rural com a implantação de objetos técnicos. Além disso, há também uma *psicosfera* do café e a ação de agentes do *círculo de cooperação* que se articulam na busca de melhorias na produtividade e qualidade, resultando em maior participação no mercado e no *circuito espacial de produção* em nível nacional e possivelmente em nível internacional.

Conclusão

O modelo capitalista impõe um desenvolvimento técnico ao meio produtivo e à circulação, melhorando a possibilidade de acumulação e incorporando mais lugares à lógica do mercado globalizado. A partir da possibilidade de circulação da produção e informação de forma mais rápida no espaço, além da unificação técnica, mesmo que de forma desigual, o resultado é a especialização produtiva e intensificação da divisão territorial do trabalho, definindo regiões produtivas interligadas através das redes de transporte e de comunicação, formando um *meio técnico-científico-informacional*.

Diante deste processo globalizante, Santos (1994) alerta para a importância da análise geográfica não ser através de um circuito regional de produção, mas sim um *circuito espacial de produção* em que os agentes hegemônicos do capital, através do domínio técnico e da informação, definem os parâmetros do sistema produtivo em diversas escalas. Isto posto, é possível identificar a organização espacial através da produção, circulação e consumo, sendo o *círculo de cooperação* o responsável por articular estas etapas.

O circuito espacial de produção do café: uma análise no município de Cacoal/RO

Na atividade cafeeira, o Brasil lidera a produção e exportação para o mundo, com a concentração da atividade ocorrendo na região Sudeste do país, nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo, os três principais produtores. Porém, a partir da década de 1970 outras áreas foram incorporadas a esta atividade, como os estados da Bahia e Rondônia, quarto e quinto em produção, respectivamente. Apesar da maior espacialidade da produção de café, as principais indústrias torrefadoras nacional e internacional estão concentradas na Região Sudeste, exigindo que as áreas especializadas se interliguem a este centro através da melhoria no setor de transporte e telecomunicações, integrando assim ao *circuito espacial de produção* de café no Brasil.

Em Rondônia o município de Cacoal apresenta uma centralidade em relação aos outros produtores do estado, isso porque desde a década de 1990 aparece como principal produtor, criando uma *psicosfera* do café, ficando conhecida como “Capital do Café”. Dessa forma, implantou-se ao espaço um conjunto de *fixos* e *fluxos* que estruturasse a atividade no município, contribuindo para a ação do produtor e atraindo o capital comercial. Atualmente, com a ação dos agentes do *círculo de cooperação*, está em desenvolvimento um processo de modernização da atividade, permitindo a ampliação da abrangência do produto de Rondônia, saindo da escala regional e retornando à atuação nacional no *circuito espacial de produção* de café, sendo Cacoal o município que centraliza as principais atividades no estado, seja na implantação técnico-científica da produção, ou na instalação do capital internacional através de multinacionais do mercado de *commodities*.

Referências

- BARRIOS, S. Dinámica Social y Espacio. **CENDES**. Universidade de Venezuela, Caracas, 1976.
- BECKER, B. K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BENAYON, A. **Globalização versus Desenvolvimento**. São Paulo: Escrituras. 2005.
- BINSZTOK, J. Agricultura familiar na Amazônia: o contexto da cafeeicultura no centro de Rondônia. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 02, n. 1, p. 22 – 33, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.cantacantos.com.br/revista/index.php/geografias/article/view/14>> Acesso em: 17 de set. 2014.

- BOMTEMPO, D. C.; SPOSITO, E. S. Circuito espacial de produção e novas dinâmicas do território. In: **Mercator**, Fortaleza, n. 26, v. 11, p. 27-46, set./dez. 2012. Disponível em: <www.mercator.ufc.br> Acesso em: 16 de fev. de 2016.
- BRAZ, E. **Cafeicultura em Rondônia e Cacoal**. Cacoal, 11 dez. 2015. Entrevista ao autor.
- CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. In: **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, n.3, v. 22, dez. 2010, p. 461-474. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/11336> Acesso em: 18 de ago. de 2015.
- FREDERICO, S. Circuito espacial produtivo do café e o jogo de escalas. In: **Mercator**, Fortaleza, n. 1, v. 13, p. 37-48, jan./abr. de 2014. Disponível em: <www.mercator.ufc.br> Acesso em: 18 de ago. de 2015.
- FREDERICO, S.; CASTILLO, R. Circuito espacial produtivo do café e competitividade territorial no Brasil. In: **Ciência Geográfica**, n.3, v. 10, Bauru, 2004, p. 236-241.
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 32° ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2005.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura**. São Paulo: HUCITEC, 1981.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2006.
- IBGE. **Pesquisa Agrícola Municipal**, 2016. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> . Acesso em: 02/03/2016.
- KEMPER, M. L. **Cacoal: sua história, sua gente**. Goiânia, GO: Grafopel, 2002.
- MARCOLLAN, A. L. et. al. **Cultivo dos cafeeiros Conilon e Robusta para Rondônia**. 3° ed. Porto Velho: Embrapa Rondônia: EMATER-RO, 2009.
- MORAES, A. de; FRANCO, P. S. S. **Geografia econômica: de colônia a colônia**. Campinas: átomo, 2005.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Comércio Exterior por décadas**. 2016. Disponível em: <www.mdic.gov.br> Acesso em: 23 de fev. de 2016.
- _____. **Balança comercial brasileira: municípios, Cacoal/RO**. 2015. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/sistema/balanca/> Acesso em: 20 de dez. 2015.
- ORTEGA, A. C.; JESUS, C. M. de. **Café e território: a cafeicultura no Cerrado Mineiro**. Campinas: Alínea, 2012.
- PEREIRA, P. S. **Comércio de café pela empresa IESA - Interagrícola**. Cacoal, 10 de jun. de 2016. Entrevista ao autor.
- ROSA NETO, C. e COLLARES, D. G. A importância da agricultura familiar no contexto do agronegócio café em Rondônia. In: Congresso da SOBER, 44, 2006, Fortaleza. **Anais...Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, p. 1 – 17. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/140.pdf> Acesso em: 14 de mar. 2015.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 3° ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- _____. **Espaço e método**. 5° ed. 2° reimp. São Paulo: EDUSP, 2014a.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 7° reimp. 4° ed. São Paulo: EDUSP, 2014b.
- _____. **Por uma outra globalização**. 16° ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 11° ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, R. G. Das margens do Madeira ao interior da floresta: percursos da formação socioespacial de Rondônia (1970-1995). In: ALMEIDA SILVA, A. de; NASCIMENTO SILVA, M. das. G. S.; SILVA, R. G. **Colonização, Território e Meio ambiente em Rondônia: Reflexões Geográficas**. Curitiba: SK editora; Porto Velho: PPGG/UNIR, 2012. p. 58-82.

_____. Agronegócio e campesinato em Rondônia. In: FERREIRA, G. H. C. **Geografia Agrária no Brasil: Disputas, conflitos e alternativas territoriais**. Jundiaí: Paco editorial, 2016.

SILVEIRA, M. L. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. In: **Ciência geográfica**, Bauru, n. 1, v. 15, p. 4-12, 2011.

VENEZIANO, W. **Recomendação técnica de adubação e calagem para cafeeiros conilon (Coffea canephora) em Rondônia**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2000. 7 p. (Embrapa Rondônia. Recomendações Técnicas, 19).